Série Preservação e Desenvolvimento
MONUMENTA



FESTIVAL DE POESIA DE GOYAZ

CIDADE DE GOIÁS - GO | 6

Série Preservação e Desenvolvimento
MONUMENTA

Festival de Poesia de Goyaz

CIDADE DE GOIÁS-GO | **6**

Créditos

Presidente da República do Brasil
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro de Estado da Cultura
Gilberto Passos Gil Moreira

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Coordenador Nacional do Programa Monumenta
Luiz Fernando de Almeida

Coordenação editorial
Sylvia Maria Braga

Edição
Caroline Soudant

Redação e pesquisa
Rogério Furtado

Revisão e preparação
Denise Costa Felipe

Design gráfico
Cristiane Dias

Fotos
Ricardo Labastier e
Arquivos Monumenta e Iphan

F418 Festival de Poesia de Goyaz: Cidade de Goiás - GO. – Brasília, DF: IPHAN / Programa Monumenta, 2007.
80 p.: il.; 15 cm. – (Preservação e Desenvolvimento; 6)

ISBN – 978-85-7334-051-8

1. Poesia. 2. Cidade de Goiás - Poesia. 3. Patrimônio Cultural. 4. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. II. Série.

CDD – 808.06

Festival de Poesia de Goyaz

CIDADE DE GOIÁS - GO | **6**



Apresentação

Este pequeno livro pertence à série Preservação e Desenvolvimento, uma coleção de registro das experiências desenvolvidas pelo Programa Monumenta na área da promoção de atividades econômicas, de educação patrimonial, de formação profissional e de capacitação.

Na qualidade de programa do Ministério da Cultura para a recuperação sustentável do patrimônio histórico brasileiro, o Monumenta se propõe a atacar as causas da degradação de sítios históricos e conjuntos urbanos tombados e a elevar a qualidade de vida das comunidades envolvidas.

Assim, muitas das ações propostas no âmbito do Programa, com apoio de estados e municípios, vêm permitindo a essas comunidades descobrir o patrimônio cultural como fonte de conhecimento e de rentabilidade financeira, como meio, portanto, de inclusão social.

Esse novo conceito de preservação transformou alguns dos sítios beneficiados em pólos de atividades culturais, turísticas e de geração de empregos, garantindo ao mesmo tempo a conservação sustentada de nosso patrimônio e melhores condições de vida para quem trabalha ou vive ali.

É uma dessas experiências que você vai conhecer agora.



Introdução

Antes de se tornar Goiás, a cidade histórica goiana apareceu primeiro como Arraial de Sant'Anna, e depois foi Vila Boa de Goyaz. Sua fundação, como a de muitos centros urbanos do estado, ocorreu durante o ciclo do ouro. Goiás sempre foi um núcleo importante. Capital por mais de 200 anos, só perdeu essa posição para Goiânia, em 1937.

Mais adiante, dona de valioso patrimônio arquitetônico do período colonial, tornou-se conhecida como "a terra de Cora Coralina". Nada mais justo. Nascida ali, a poetisa passou muitos anos fora da cidade, retornando na década de 1950. Viveu humildemente, como doceira, na "casa velha da ponte", que lhe serviu de inspiração para livros e poemas. E dali encantou o país com seus versos, contos e histórias infantis. A descoberta de Cora Coralina foi tardia, infelizmente. Seu primeiro livro saiu quando ela já contava 75 anos de idade. Porém, o reconhecimento, quando chegou, veio por mãos competentes, como as de Carlos Drummond de Andrade, que deixou escrito: "Cora Coralina para mim é a pessoa mais importante de Goiás. Mais que o governador, as excelências, os homens ricos e influentes do Estado... Cora Coralina, *um admirável brasileiro*".



Generosa, a poetisa sempre queria compartilhar as belezas de Goiás. Uma vez lançou um convite ao mundo, de modo cativante: "Poetas e pintores, / românticos, surrealistas, concretistas, cubistas, / eu vos conclamo. / Vinde todos cantar, rimar em versos, / bizarros coloridos, / os becos de minha terra." O Programa Monumenta aceitou esse convite ao patrocinar o primeiro Festival de Poesia de Goyaz, realizado em março de 2006.

Durante quatro dias, milhares de pessoas estiveram na cidade, participando das atividades do festival – um evento da maior importância do ponto de vista literário. Poetas e críticos de renome puderam manter um contato enriquecedor com seu público, em palestras, oficinas, debates e leituras de poesias. E muitos dos que ali estiveram certamente caminharam pelas ruas e becos centenários da Goiás histórica, para um encontro com aquele *espírito da cidade* que tanto inspirou sua mais famosa cidadã.

O grande afluxo de visitantes comprovou, mais uma vez, que o turismo cultural é uma opção para garantir o desenvolvimento econômico e a conservação das cidades-patrimônio.

Luiz Fernando de Almeida
Coordenador Nacional do Programa Monumenta
Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional



Poesia e patrimônio


Festival de Poesia de Goyaz
...quebraram dentro dele
um engradado de estrelas.
Manoel de Barros

Poesia e patrimônio

Há pouco mais de 40 anos, a poetisa Cora Coralina chamou os colegas de ofício para que fossem cantar os becos de sua terra, a Cidade de Goiás. O convite era irrestrito e permanente, pois saiu em forma de poema. É provável que muitos dos convidados tenham acudido no transcorrer das últimas décadas, cada qual a seu tempo. Mas nunca tantos poetas estiveram reunidos ali quanto no período de 23 a 26 de março de 2006. Por certo, os encantos da cidade histórica não lhes passaram despercebidos. Porém, o motivo do encontro era celebrar a poesia enquanto gênero literário. Mesmo assim, é razoável supor que Cora Coralina teria aprovado com entusiasmo tal acontecimento: o primeiro **Festival de Poesia de Goyaz** – criado para oferecer aos poetas uma oportunidade de diálogo com seu público, incentivar a produção poética brasileira e dar visibilidade ao município, como forma de contribuir para a preservação de parte importante do patrimônio histórico do país.

A primeira edição do Festival de Poesia de Goyaz, em 2006, realmente superou as expectativas. Os responsáveis pelo evento estimavam, no mínimo, a presença das 900 pessoas previamente inscritas nas diversas atividades.



Também esperavam que os participantes fossem especializados – literatos, professores e alunos de universidades, sobretudo daquelas localizadas na região Centro-Oeste. Mas foram agradavelmente surpreendidos: na abertura do evento, a cidade já apresentava agitação incomum para uma quinta-feira de quaresma. Havia bastante gente. Cerca de 15 mil visitantes transitaram pela sede do município naquele período de quatro dias, uma população flutuante equivalente a 56% do total de seus habitantes. Atraídos pela publicidade do evento, os turistas, vindos de todo o país, puderam esquadrinhar as ruas, esquinas e os becos centenários de Goiás. Muitos deles, que viajaram movidos apenas pela curiosidade de ver o que ocorreria ali, terminaram por assistir às atividades do festival que dispensavam inscrição prévia.

Pois fizeram muito bem, de acordo com a professora da Universidade Federal de Goiás Lisa França, no artigo *Da cidade real à cidade ideal*, publicado na revista *Goyaz Poesia*, peça de divulgação do festival: "O turista tenta recuperar a arte de viver, tenta dar sentido poético à vida. Ao sair de casa, procura outros rumos, outros alentos. Assim como a poesia, uma viagem de turismo não serve ao pragmatismo do cotidiano. Uns diriam que não serve para nada, mas, para muitos, alimenta a alma. E, pelos instantes que dura,



dá certa sensação de felicidade, de sentido". Lisa disse mais: "A maioria dos edifícios históricos tombados mundo afora serve hoje a propósitos diferentes da época de sua construção. É este não-lugar, este despropósito, como ocorre com a poesia, que nos permite descobrir a exaltação de sentir a memória como nossa. Atrelado ao patrimônio arquitetônico, há um convite à emoção, o que faz a experiência do turista intransferível". Para Lisa, "patrimônio histórico é poesia".



Muitas pessoas concordam com ela. Durante o festival, poetas, jornalistas e turistas comentaram que o evento tinha a "cara" da cidade, e que pela primeira vez se estabeleceram nexos entre poesia e patrimônio cultural no Brasil. Assim, *Poesia é patrimônio,* expressão que também foi título de uma palestra da poetisa Alice Ruiz, ficou gravada na memória dos participantes. Por sua vez, o comércio teve motivos sonantes para comemorar. Hotéis e pousadas permaneceram lotados, verificando-se intenso movimento nos bares e restaurantes.



Goiás, patrimônio mundial da humanidade pela Unesco, dispõe de infra-estrutura e está habituada a sediar eventos turísticos. Lá se realizam anualmente o Fica – Festival Internacional de Cinema Ambiental, o Festival de Artes e o Festival de Gastronomia. Porém, vários comerciantes declararam que o público do festival de poesia era diferente. Pareceu mais educado, mais preocupado com o patrimônio histórico e mais ordeiro.

O evento, de abrangência nacional, foi patrocinado pelo **Programa Monumenta**, com recursos do governo federal e do Banco Interamericano de Desenvolvimento, em parceria com a Unesco. Diversas instituições apoiaram a iniciativa, contribuindo para a formação da contrapartida exigida pelo Monumenta: Ministério do Turismo, Federação Brasileira de Convention & Visitors Bureaux, Universidade de Brasília, Universidade Estadual de Goiás, Universidade Federal de Goiás, Universidade Católica de Goiás e Multicultural Arte e Comunicação, empresa brasiliense responsável pelo projeto.





Prêmio e homenagem


MANOEL
DE BARROS
Memórias Inventadas
A Infância
Planeta

Prêmio e homenagem

Um concurso, o **Prêmio Goyaz de Poesia**, aberto a todos os autores brasileiros, precedeu o festival. O júri, formado por três especialistas em literatura, com ênfase em poesia contemporânea, avaliou 74 livros e deu o primeiro lugar a *O respirante*, de Heron Moura. O segundo e o terceiro lugares ficaram com *O roubo do silêncio* e *Ruínas ao sol*, assinados por Marcos Siscar e Salomão Miguel de Souza, respectivamente. *Matéria bruta*, de João Elias, ganhou menção honrosa. A premiação ocorreu na abertura do evento, na noite de 23 de março de 2006, no Cine Teatro São Joaquim, lotado por mais de 500 pessoas. Primeiro houve homenagem a Manoel de Barros, com a leitura de alguns de seus poemas. O poeta mato-grossense não pôde comparecer. Aos 90 anos, enfrentava problemas de saúde na ocasião. Mas esteve representado pelos filhos João e Martha, que receberam placa comemorativa, entregue por Luiz Fernando de Almeida, presidente do IPHAN e Coordenador do Programa Monumenta.

Sobre o concurso e as obras apresentadas, os três jurados deixaram suas opiniões na revista *Goyaz Poesia*, distribuída pelo Brasil antes do festival. A professora Célia da Silva, da PUC/Goiás, escreveu: "Se há trabalhos com



evidente tom confessional, há outros que conseguem transpor as emoções pessoais e atingir um importante grau de universalidade". Para ela, "em um concurso literário da abrangência do Prêmio Goyaz de Poesia, a diversidade passa a ser quase uma palavra de ordem, ainda mais se se considerar que ela é uma marca da poesia contemporânea, que no Brasil apresenta grande





vitalidade em termos de produção". Contudo, Célia observa que a circulação dessa produção "ainda é tímida, não só porque o mercado editorial investe pouco na publicação de poesia, mas também porque há um desinteresse generalizado pela leitura de poesia. Um festival (palavra que traz na sua etimologia a idéia de 'festa') de poesia, numa cidade como Goiás, talvez seja já o começo de um banquete para uma grande festa".

Também acerca dos originais apresentados, a ensaísta Ligia Cademartori comentou que nas melhores obras "percebe-se a longa maturação dos versos em textos que tecem um plural irredutível. A elaboração transcende o mero jogo verbal e alcança expressar uma aventura mental, vivida a partir da palavra posta em alta tensão com a tradição e com o que inventa". Finalmente, na avaliação do poeta e romancista Ronaldo Costa Fernandes, "este festival vem mostrar que a poesia brasileira se mantém ativa e altiva, com nossos poetas produzindo de forma inventiva". Como os originais vieram de todas as partes do país, isso mostra "que o Brasil tem diversidade regional não apenas na música ou na cultura popular, por exemplo, mas também em sua expressão poética, que é difusa e madura". Para ele, "quanto mais concursos e festivais de poesia houver Brasil afora tanto melhor para os poetas se fazerem ouvir num mundo cada vez mais



massificado, menos letrado e bestificado pelo uso mecânico de novas tecnologias. A poesia é o refúgio da subjetividade e o resgate da voz individual".

Essa realidade, os poetas conhecem melhor que ninguém. Ao receber o prêmio, Heron Moura falou de sua ansiedade e do vínculo possível com o público, por meio da poesia: "Um poeta recitando seu poema diante de centenas de pessoas é como um goleiro na hora do pênalti. A poesia não é para todos, mas devia ser para cada um". Após a tensão vivida na abertura do festival – os resultados do concurso de poesia só foram conhecidos

naquela noite –, ele pôde sossegar. Não apenas por ganhar um prêmio, mas também pela atenção que Goiás dispensou aos poetas. "O resultado foi surpreendente. A cidade viu – não apenas olhou – os poetas e os poemas. Nós visitamos Goiás e eles visitaram os poetas e os poemas. A recepção foi fantástica. Não sei como, mas as pessoas da rua ficaram sabendo que eu recebi o prêmio e cumprimentavam. O vendedor de picolé, a moça da loja de doces. Normalmente incógnito, o poeta virou pessoa pública".





Diário da poesia



Diário da poesia

Como estratégia para ampliar as vinculações entre patrimônio e cultura, o festival organizou duas exposições e as alojou em prédios históricos. A primeira, *Em nome do Pai*, na sede do IPHAN, apresentou fotografias de Ricardo Labastier, retratando principalmente a estatuaria sacra guardada nos depósitos de igrejas barrocas brasileiras. Labastier levou meses para realizar o trabalho, obtendo imagens de grande beleza. A segunda exposição, *Memórias inventadas II*, reuniu as ilustrações de Martha de Barros feitas para o livro mais recente de Manoel de Barros, lançado durante o festival, na Casa de Cora Coralina. Outra exposição, *Poesia virtual*, exibição de poesia e imagem, foi apresentada em um telão, instalado em restaurante da praça da Igreja de São Francisco.

As atividades principais do festival consistiram em leituras, oficinas e mesas. Nas cinco sessões de leituras, o objetivo era colocar o público em contato com a oralidade do texto poético. Em cada sessão, dois poetas leram textos – alguns inéditos – e discutiram suas obras com o auditório. Houve onze oficinas, muito concorridas, para tratar de temas específicos, como poesia visual, poesia e tradução, poesia e cidade. As mesas, seis no total,



destinaram-se a um público mais numeroso que o das oficinas. Nelas, dois poetas renomados, de obra consolidada, e um crítico literário de expressão internacional analisaram a atual produção brasileira de poesia. Uma das mesas teve perfil diferenciado: foi composta por três representantes de editoras especializadas na publicação de poesia. Para que tudo transcorresse de forma organizada, a coordenação pediu a colaboração de mediadores e apresentadores para cada atividade. Na maioria dos casos, professores das universidades que apoiaram o festival desempenharam essas funções.



O evento principiou na manhã de 24 de março de 2006, sexta-feira. O primeiro debate reuniu os poetas Gilberto Mendonça (GO) e Ivan Junqueira (RJ) à crítica carioca Célia Pedrosa, no cine teatro São Joaquim. Depois, na parte da tarde, outra mesa colocou juntos os poetas Carlito Azevedo (RJ), Fabrício Carpinejar (RS) e Affonso Romano de Sant'Anna (MG), no mesmo auditório. Nesse primeiro dia, houve quatro oficinas. Pela manhã, o poeta-leitor paulista Marcos Siscar ministrou uma oficina sobre *A cisma da poesia brasileira*. À tarde, o crítico paulista Alcides Vilaça fez oficina sobre





A poesia e o poema. À noite, o público pôde escolher entre a oficina de *Poesia independente*, ministrada pelo poeta brasiliense Nicolas Behr, e *Poesia e cidade*, com o paulistano Augusto Massi. Outas atividades ofereceram leituras de poesias com os poetas Miguel Jorge (GO), Fabiano Calixto (SP), Augusta Faro (GO) e Vera Americano (DF). Para encerrar, a *Noite da poesia*, na escadaria da Igreja São Francisco, levou centenas de pessoas à praça, para ouvir os 27 poetas que se inscreveram para a leitura. Esse evento ganhou destaque na mídia.



Em 25 de março, sábado, os poetas Alice Ruiz (PR) e Antônio Cícero (RJ) participaram de debate ao lado do crítico catarinense Raúl Antelo. Em uma segunda mesa, estiveram presentes o carioca Paulo Henriques Britto, o paulista Augusto Massi e o crítico Alcides Villaça (SP). Nas oficinas houve a possibilidade de conhecer as *Raízes da criação*, com o poeta gaúcho Fabrício Carpinejar, *Poesia de hoje*, com o poeta mineiro Affonso Romano de Sant'Anna, e *Poesia visual*, ministrada pelo poeta piauiense Manoel Ricardo de Lima. Entre as várias leituras, destacaram-se as participações dos poetas Micheline Verunschk (PB), Marcos Siscar (SP), no Liceu de Goiás. Chacal (RJ) e Ricardo Aleixo (MG) lotaram o teatro da Casa de Fundição. Como era grande o número de pessoas que não estavam inscritas, mas que se apinhavam junto à janela do teatro, a coordenação do festival decidiu abrir mais uma sessão dessa leitura, que novamente lotou o teatro.

O mesmo ocorreu com a atividade Teatro para crianças, que contou com a direção de Miriam Virna, encenando *O menino da Lua*, espetáculo inédito baseado em Jacques Prévert. Nessa mesma noite, às 21h30, o violoncelista Gustavo Tavares lotou os 400 lugares da Igreja do Rosário. Tavares, que é doutor em Música pela Rutgers University (EUA), emocionou a platéia com a execução da *Gavota* da suíte nº 6 de Bach, numa fusão com *Asa branca*, de







Luiz Gonzaga. Ele foi escolhido por ser um dos grandes nomes do violoncelo no cenário internacional – um músico que gosta de mesclar o erudito com a tradição popular brasileira, exatamente como fez no concerto, intitulado BACHiano & BRASILeiro**,** procurando atrair o público para a música clássica.

O domingo, 26 de março, começou com um debate sobre edição. Estiveram reunidos profissionais de três editoras, cuja produção está centrada na poesia contemporânea brasileira: Jorge Viveiros, da editora carioca 7Letras, Ricardo Corona, da Medusa/Revista Oroboro, do Paraná, e Plínio Martins, da Ateliê Editorial, de São Paulo. A última mesa do evento contou com o poeta piauiense Manoel Ricardo de Lima, a paulista Maria Lúcia Dal Farra e o crítico goiano Heleno Godoy. As oficinas reservadas para o último dia exploraram o diálogo da poesia com outras formas de expressão artística: *Poesia e novas mídias*, com o poeta goiano Marcos Caiado, *Poesia e tradução*, com o poeta chileno Álvaro Faleiros, *Poesia no teatro*, com o Grupo Versiprosa, da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Cora Coralina, que declama e encena poesia brasileira. A participação desse grupo começou bem antes da realização do festival. Formado por alunos do curso de Letras e professores da UEG, no decorrer dos primeiros meses de 2006, o Versiprosa divulgou o festival durante as apresentações que fez em Goiás e em cidades vizinhas.



Mudança de rumos



Mudança de rumos

Em balanço realizado após o encerramento das atividades, os organizadores disseram acreditar que o festival deixou saldo altamente positivo para a população de Goiás, além das vantagens econômicas óbvias: o encontro com a poesia aumentou sua auto-estima. Afinal, trata-se de pessoas que habitam uma cidade famosa por seu patrimônio histórico. E Goiás teve presença marcante na mídia nacional, antes, durante e até depois do evento: os livros vencedores do Prêmio Goyaz de Poesia, assim como um DVD, contendo imagens do festival e um documentário sobre poesia contemporânea, foram lançados no Rio de Janeiro, em junho de 2006, trazendo a cidade mais uma vez ao noticiário nacional. Outros brasileiros também ganharam com o Poesia de Goyaz, pois foram distribuídas entre escolas e bibliotecas públicas do país 500 cópias gratuitas do DVD, e outras tantas cópias de cada um dos livros vencedores do concurso de poesia.

É possível que o festival ainda venha a exercer influência duradoura no meio acadêmico. Isso porque o público presente, constituído em sua maioria de jovens estudantes secundaristas e universitários, mostrou certa carência de formação no que diz respeito à poesia contemporânea. Tendo em vista essa



constatação, vários professores de literatura das universidades goianas e da UnB começaram a discutir a possibilidade de criar um curso focado nesse aspecto do gênero literário. Caso a idéia prospere, a estrutura curricular universitária naturalmente sofrerá um importante acréscimo.

Contudo, nunca será demais lembrar que a realização do festival na Cidade de Goiás foi uma vitória em si mesma, tendo exigido a articulação de vários elementos para sua efetivação: a poesia, o patrimônio histórico e o esforço de representantes do meio acadêmico. Foi uma autêntica mudança de



rumos, pois o município está fora do eixo das capitais brasileiras, onde se dão os maiores investimentos em cultura. O projeto ficou em terceiro lugar dentre mais de uma centena de outros, com algumas características semelhantes, apresentados ao Programa Monumenta. Goiás, como outras cidades históricas, necessita preservar seu patrimônio – bens materiais e simbólicos –, mas também requer o desenvolvimento econômico sustentado. Com esse objetivo, o turismo cultural surge como o mecanismo mais promissor. Foi o que aconteceu durante o festival, de grande participação popular.


D'presentes

Nasce um festival


Festival de Poesía de Goyaz

Nasce um festival

O Festival de Poesia de Goyaz começou a despontar na própria cidade-sede. Certo dia, no segundo semestre de 2004, o professor Adalberto Müller, da Universidade de Brasília, doutor em Letras, participou de uma palestra em Goiás. À noite, no jantar, Müller conversou sobre literatura com professores e estudantes. A obra de Cora Coralina e sua importância para a comunidade local foi um dos pratos fortes. Acabou despertando a idéia de se organizar o festival na cidade. Meses depois, o assunto continuava no ar, sem que os participantes da noitada tomassem providências para fazê-lo ganhar consistência. Novos contatos entre os convivas daquela noite fez com que chegassem à conclusão de que precisavam transferir o projeto para uma entidade capaz de realizá-lo. Então, em março de 2005, Müller procurou Maria da Graça Costa Ramos, doutora em História da Arte. Ela poderia levar a tarefa adiante, enquanto diretora da Multicultural Arte e Comunicação, empresa que planeja e realiza projetos nas áreas de comunicação e cultura.

O empreendimento contaria de imediato com a parceria da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Cora Coralina e da Casa de Cora Coralina que, desde o princípio, ajudaram a estruturar o projeto. Representantes dessas

instituições e da Secretaria de Cultura do município participaram da primeira reunião de trabalho, ainda em março de 2005, quando já se discutiu o que poderia ser o programa do festival, inclusive quais poetas goianos deveriam ser convidados a participar, além de sugestões e reivindicações da comunidade. Para desenvolver o trabalho, os responsáveis sempre tiveram em mente o exemplo de Barcelona, Espanha.

Nos anos 1980, Barcelona parecia ensimesmada e escura. Mas o panorama mudaria a partir da Olimpíada de 1992, quando a administração da cidade decidiu articular cultura, patrimônio histórico e turismo, e tirar proveito econômico desse tripé. Com isso, muitos dos edifícios antigos foram restaurados e tiveram nova destinação, geralmente vinculada a iniciativas de caráter cultural. Inclusive diversos festivais – um deles é de poesia – que atraem milhares de turistas todos os anos. Barcelona tornou-se um exemplo a ser seguido pelas pessoas envolvidas com a restauração e conservação de patrimônios históricos em muitos países.

Seguiram-se à montagem do projeto, os contatos com o mundo acadêmico e a busca de patrocínio. Em abril, foi publicado o **Edital de Fomento a Atividades Econômicas em Cidades Patrimônio Histórico do Programa Monumenta**. A Multicultural entrou na disputa em maio de 2005. Contudo,

o Monumenta financia até 50% do valor dos projetos, sendo necessário encontrar outras fontes de recursos que não aquelas autorizadas pela Lei Federal de Incentivo à Cultura. Havia a possibilidade de lançar mão dos recursos da Lei Goyazes – o mecanismo goiano de incentivo à cultura. Os organizadores achavam que tinham boas chances de ver seu pedido aprovado. Afinal, o projeto do festival já contava com o apoio das entidades da Cidade de Goiás, e recebera cartas de adesão de poetas goianos.

Então, veio o primeiro susto. O parecer dos responsáveis pela concessão dos benefícios da Lei Goyazes foi negativo. O projeto simplesmente foi taxado como inoportuno, sem maiores explicações. Graça Ramos não esmoreceu: "Sabia que tinha em mãos um projeto excelente, de alta viabilidade. Acho que aceitei continuar porque sei que a primeira grande conquista da cultura é a mudança de mentalidade, a capacidade de acreditar que a cultura é capaz de gerar transformações. Realizá-lo era demonstrar para a cidade, e até mesmo para o estado de Goiás que, quando se pensa cultura como um todo, alianças são possíveis e os benefícios para a sociedade, muitos". Enquanto o projeto estava em análise no Programa Monumenta, houve outro revés. As empresas privadas que haviam sido consultadas se recusaram a patrocinar o festival, porque não seriam beneficiadas por incentivos estaduais.


MONUMENTA

A Multicultural havia consultado também o Ministério do Turismo, em busca de patrocínio. Lá, recebeu orientação para procurar a Agência Goiana de Turismo (Agetur), que avaliou o projeto como sendo de enorme interesse para Goiás, recomendando aos responsáveis sua inscrição no Fórum Nacional dos Secretários de Turismo. Essa providência lhes daria o aval para pleitear verbas junto às entidades que promovem o turismo no país, como de fato aconteceu, pois o Fórum deu o primeiro lugar ao Festival de Poesia de Goyaz, em reunião que examinou outros nove projetos. Em novembro, o Programa Monumenta anunciou a lista dos vencedores segundo o Edital de Fomento, publicado meses antes. Como se recorda, o Poesia de Goyaz ficou em terceiro lugar, entre mais de uma centena de inscritos.

Com a aprovação do Monumenta, iniciou-se a divulgação nacional do Concurso Goyaz de Poesia, por meio da página da Universidade Estadual de Goiás na internet e de notícias em jornais de grande circulação. As inscrições se encerraram em janeiro de 2006 e o júri apresentou os vencedores à coordenação em 8 de março. Ainda em janeiro, uma boa notícia: a Federação Brasileira de Convention & Visitors Bureaux, entidade conveniada com o Ministério do Turismo, anunciou que se responsabilizaria pela contrapartida do festival. Encaminhada a papelada à instituição, começou o

processo de produção do material gráfico, divulgação, agenda e reserva de serviços. Os prazos estavam bastante apertados, pois o festival fora marcado para março. Mas, a menos de um mês do evento, outro sobressalto: o Convention & Visitors Bureaux informou que só obteve junto ao Ministério do Turismo a metade do valor da contrapartida negociada.

Então, a Universidade de Brasília supriu vários itens previstos no projeto, ao assumir alguns serviços: postagem de material impresso, manutenção do sítio do festival na internet e transporte de ônibus até a Cidade de Goiás para os professores convidados a participar do evento. Além disso, a UnB forneceu uma equipe de profissionais e equipamentos para filmagens durante o evento. Por sua vez, a Agência Goiana de Turismo cedeu um carro para transportar os poetas de Goiânia até a Cidade de Goiás. Da mesma forma, a Universidade Católica de Goiás e a Universidade Estadual de Goiás colocaram serviços de transporte à disposição do festival.

Dali em diante, todas as engrenagens se encaixaram, e a máquina do festival passou a girar com eficiência e velocidade cada vez maiores. A programação completa entrou no ar 45 dias antes do início do festival. Por meio da internet, os interessados puderam se informar sobre Goiás e se inscrever nas atividades

previstas, todas gratuitas. Cerca de 900 vagas já haviam sido preenchidas na véspera do evento. Então foi possível saber que perto de 50% das inscrições eram provenientes de Goiás; 40% do Distrito Federal; e 10% de outros estados, sobretudo de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

A internet foi instrumento fundamental para que o Poesia de Goyaz ganhasse dimensão nacional, pois permitiu a circulação do endereço eletrônico do festival em listas de discussões sobre poesia, turismo e cultura. A partir do dia 10 de março, começaram a ser distribuídos em Brasília, Goiânia e Goiás três mil convites para o festival. Também 200 cartazes sobre o evento foram espalhados pelas três cidades. De 15 de março em diante, começaram a ser distribuídos os 15 mil exemplares do jornal-revista. Parte da tiragem foi encaminhada pela Universidade de Brasília a endereços de interessados em literatura, espalhados por todo o Brasil. O IPHAN, em Brasília, recebeu outros 1.500 exemplares, para serem distribuídos nos museus do país. O Ministério do Turismo repassou mil jornais às secretarias estaduais de turismo. E quantidade igual chegou à Bienal do Livro de São Paulo, distribuída pela coordenação do festival. O restante foi repartido entre as cidades de Brasília, Goiânia e Goiás. Dessa forma, o Poesia de Goyaz teve ampla divulgação.



Reta final



Reta final

Pouco antes da abertura do festival, nos dias 10 e 18 de março, foram realizadas oficinas de formação destinadas a preparar a comunidade de Goiás para o evento. A primeira realizou-se no Centro de Educação Profissional da Cidade de Goiás, no Quartel do XX, com a presença de representantes de entidades, restaurantes, hotéis e comerciantes. A segunda ocorreu no auditório da Universidade Estadual de Goiás, direcionada a professores e estudantes de ensino médio e fundamental.

Na primeira oficina foi trabalhada a idéia de que o festival promoveria uma intermediação criativa e produtiva entre a literatura, o patrimônio histórico e o turismo cultural. Enfatizou-se que "Poesia é patrimônio" e que, se as cidades necessitam, por vezes, passar por processos de restauro, o poder e a potência da palavra poética também precisam ser revitalizados. Foi detalhado o mapa das atividades, ressaltando que o festival "circularia" pela Cidade de Goiás, ocupando de modo criativo espaços dos imóveis tombados pelo Patrimônio Histórico. Buscou-se também mostrar a importância da comunidade para o sucesso do festival.



Nessa primeira reunião, foram observadas resistências e críticas ao projeto. Uma das críticas apontava a inexistência de mesa ou homenagem específica à poeta Cora Coralina. Outra cobrava maior participação de representantes de Goiás nas mesas e oficinas, e a terceira argumentava que não estavam previstas atividades para crianças. Houve quem comentasse também que a grade de palestras chegou pronta de Brasília, como se o Festival de Poesia de Goyaz fosse um evento imposto à cidade.

Foi necessário esclarecer que o festival, de poesia contemporânea, havia optado por homenagear poetas vivos, e que a maior homenagem a Cora Coralina seria a presença de tantos poetas, como ela convidara anos antes em um poema. Isso porque é fundamental incentivar a divulgação e a



discussão do que se produz em poesia no Brasil atual. É a forma de trazer autores jovens para o mercado editorial.

Quanto à presença de goianos, explicou-se que, embora o festival fosse de caráter nacional, a maior representação por estado era a de Goiás, com cinco palestrantes: Gilberto Mendonça Telles, Augusta Faro, Marcos Caiado, Miguel Jorge e Heleno Godoy, além de vários professores-mediadores. Em relação às crianças, foi esclarecido que estavam previstas, entre outras



iniciativas, a apresentação de uma peça de teatro focada em poesia para o público infantil, e a doação de livros infantis de poesia para escolas do município – o que de fato ocorreu. Explicou-se também que as etapas do processo haviam sido discutidas com a UEG e a Casa de Cora Coralina – parceiras desde o princípio do projeto. Eram do conhecimento das duas entidades os nomes dos poetas convidados, e elas, inclusive, indicaram todos os representantes goianos, além de alguns mediadores.

Na segunda oficina, de conteúdo mais acadêmico, foram expostos os critérios para escolha dos poetas e críticos literários selecionados para o festival. Destacou-se o caráter de um festival nacional sobre poesia contemporânea. E discutiu-se a importância de se pensar o lugar e a função da poesia no mundo contemporâneo em debates interligados com a criação artística, com a comunicação e com a cultura.

Após inúmeras atividades de pré-produção e produção, uma semana antes do evento, a coordenação do festival instalou-se no Centro de Educação Profissional da Cidade de Goiás, de onde passou a gerenciar todas as atividades, em período integral, apoiada por 15 funcionários de uma produtora de Goiânia e estagiários da UEG. Ali eram fornecidas informações, distribuídos jornais, fôlderes, e revisados todos os itens necessários ao bom andamento das atividades. Aquele prédio histórico também passou a abrigar uma sala de imprensa, com computadores e telefone. Durante todo o evento, repórteres de *O Estado de São Paulo*, *TV Globo Brasília*, *TV Anhanguera*, *Globonews*, *Correio Braziliense*, *O Popular*, *Gazeta Mercantil*, *Jornal do Brasil*, jornais locais, rádios e veículos eletrônicos enviaram material para suas redações. O resultado foram quase mil referências ao festival na sítio de busca *Google*, até o dia 7 de abril.



Goiás no tempo



Goiás no tempo

O ciclo do ouro, no período colonial, deixou várias cidades como herança em diversas partes do Brasil. Uma delas nasceu em um sítio cercado pela Serra Dourada: o Arraial de Sant'Anna, fundado em 1727, que mais adiante viria a ser a Vila Boa de Goyaz e, depois, a Cidade de Goiás. Esse núcleo urbano foi capital da antiga província e também do estado de Goiás por dois séculos. Cessada a exploração do ouro, em fins do século 18, Vila Boa encolheu em termos de população e concentrou suas atividades na agropecuária. Datam de 1830 as primeiras discussões sobre a necessidade de transferência da capital para o Norte da província, o que viria a se concretizar somente em 1937. A mudança da administração estadual para Goiânia tirou o prestígio político de Goiás, mas certamente ajudou a conservar seus preciosos monumentos, remanescentes do período colonial e do império. O conjunto arquitetônico, tombado em 1978 pelo IPHAN, foi decisivo para que a cidade conquistasse o título de Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco, em 2001.

Goiás já conta com muitos de seus monumentos arquitetônicos e imóveis históricos restaurados, tais como o Museu da Boa Morte, a Cruz do Anhangüera, a Catedral de Sant'Anna, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo,



a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a Igreja de São Francisco de Paula, a Casa do Bispo, o Palácio Conde dos Arcos, o Quartel do XX e o Sobrado da Real Fazenda. O Programa Monumenta, de sua parte, contribuiu com a recuperação do Chafariz da Boa Morte, do Museu das Bandeiras e ainda com a reurbanização da Praça Dr. Tasso de Camargo. Agora se prepara para restaurar o Mercado Municipal e reurbanizar todo o Beira Rio, totalizando investimentos que devem chegar a 1,5 milhão de reais.

Goiás possui cerca de 485 imóveis tombados, numa área urbana de 40,3 ha. Muitos deles são privados. Também para esses, o Programa vem destinando, por empréstimo aos proprietários, recursos que mais tarde serão devolvidos para compor o Fundo de Preservação Municipal. Desse modo, já foram investidos 450 mil reais e mais R$ 2,3 milhões de reais serão designados para isso.

Um entre os imóveis privados que já haviam sido restaurados é a Casa de Cora Coralina, onde se realizaram alguns eventos durante o festival. A poetisa, que nasceu em 1889 e faleceu em 1985, começou a escrever aos 14 anos. Passou boa parte de sua vida fora de Goiás, só publicando seu primeiro livro aos 75 anos de idade, depois de retornar à cidade para viver na "casa velha da ponte" – uma das mais antigas da cidade, construída em 1782. A residência, transformada em museu, hoje abriga móveis e objetos da escritora. Foi ali que redigiu seu famoso convite aos poetas para que viessem cantar os encantos de sua Goiás.

O poeta Heron Moura, um dos que responderam ao chamado, não se arrependeu. Heron declara que vê com muito agrado o que lhe pareceu ser a relação da poetisa com a terra natal. "Ela sempre estava à janela. Seja ali, perto do rio, seja vendo a cidade de longe, de uma janela bem mais distante.



Parece uma boa definição do poeta". Ele mesmo, ao explicar o porquê de ter escolhido o pseudônimo Franco-Atirador para inscrever seu livro no concurso de poesia, recorre à imagem da janela: "Minha poesia não faz parte do exército. Atira de um ponto isolado, de uma janela cega, mas pelo menos o tiro pode ser certeiro". E os de Cora Coralina também, embora ela costumasse alvejar a humanidade a seu alcance com doces, pois dizia: "Meus doces são melhores do que minhas poesias".

Foi com essa frase que acertou Mouzar Benedito, jornalista e escritor mineiro. Ele a repetiu na abertura de seu primeiro texto sobre Cora Coralina, escrito há anos. Mouzar conheceu a adorável Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (o nome verdadeiro da poetisa) em 1976, numa viagem que fez para pesquisar a cultura popular em Goiás. Impressionado, retornou no ano seguinte para entrevistá-la, como editor do *Versus*, jornal da chamada imprensa alternativa. E discordou de imediato da opinião da autora acerca da própria obra. Ao escolher ficar só com os poemas, não experimentou os doces que ela ainda fazia. E hoje lamenta ter perdido a oportunidade...

Na entrevista, Cora falou bastante, em linguagem poética. Dentre outras histórias, contou como um batalhão de polícia deixou Goiás a pé, rumo a



Goiânia, aclamado pela população que chorava e acenava com lenços brancos. Foi a última instituição do governo estadual a deixar a cidade. Só então o povo se deu conta que Goiás deixara de ser a capital. De volta à redação, o repórter foi contrariado pelos demais editores do jornal, que não aceitaram sua argumentação de que Cora Coralina "tinha futuro", a despeito de seus 88 anos.

O *Versus* não publicou a matéria. Mouzar apelou ao jornal *Movimento*, onde o texto foi aceito sem restrições. A reportagem, que até onde se sabe foi a primeira publicada sobre Cora Coralina em São Paulo, saiu com estrofes intercaladas do poema *Cora Coralina, quem é você?* – "Sou mulher como outra qualquer. / Venho do século passado / E trago comigo todas as idades..." –, contribuindo para resgatar Cora Coralina da relativa obscuridade em que ainda se encontrava, pois, àquela altura, ela era pouco conhecida fora de Goiás.

Mouzar esteve com Cora Coralina em mais de uma oportunidade. O último encontro ocorreu em 1983, quando o jornalista levou o livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* para que ela autografasse. De fato foi para Goiás que Cora reservou seus mais inspirados versos.

Minha Cidade

Goiás, minha cidade...
Eu sou aquela amorosa
de tuas ruas estreitas,
curtas,
indecisas,
entrando,
saindo
uma das outras.
Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.

Eu sou aquela mulher
que ficou velha,
esquecida,
nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
contando estórias,
fazendo adivinhação.
Cantando teu passado.
Cantando teu futuro.

Eu vivo nas tuas igrejas
e sobrados
e telhados
e paredes.

Eu sou aquele teu velho muro
verde de avencas
onde se debruça
um antigo jasmineiro,
cheiroso
na ruinha pobre e suja.

Eu sou estas casas
encostadas
cochichando umas com as outras,
Eu sou a ramada
dessas árvores,
sem nome e sem valia,
sem flores e sem frutos,
de que gostam
a gente cansada e os pássaros vadios.

Eu sou o caule
dessas trepadeiras sem classe,
nascidas na frincha das pedras
Bravias.
Renitentes.
Indomáveis.
Cortadas.
Maltratadas.
Pisadas.
E renascendo.

Eu sou a dureza desses morros,
revestidos,
enflorados,
lascados a machado,
lanhados, lacerados.
Queimados pelo fogo.
Pastados.
Calcinados
e renascidos.

Minha vida,
meus sentidos,
minha estética,
todas as vibrações
de minha sensibilidade de mulher,
têm, aqui, suas raízes.

Eu sou a menina feia
da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.

Cora Coralina
Cidade de Goiás, 24-1-83.



Projeto
Festival de Poesia de Goyaz

Financiador
Programa MONUMENTA / MinC

Realizador
Ramos Sicsú

Objetivo
Realização do Festival de Poesia de Goyaz para contribuir com a valorização do patrimônio lingüístico e cultural, incentivando a leitura e atividades afins.

Atividades
Produção do festival;
Realização de Oficinas de formação para os empresários e a comunidade, apresentando a proposta do festival e a relação entre a literatura e o patrimônio histórico e o turismo cultural;
Realização de Oficinas para estabelecer os critérios de escolha dos poetas e dos críticos literários do festival;
Realização de concurso de Poesia;
Publicação dos livros dos vencedores do concurso;
Filmagem das atividades do festival e entrevistas com os participantes.

Valor

Monumenta	Contrapartida	TOTAL
R$ 120.674,06	R$ 127.267,75	R$ 247.941,80

Período de execução
16/01/2006 a 01/08/2006

Banco Interamericano
de Desenvolvimento

UNESCO

MONUMENTA

IPHAN 70 ANOS 1937 2007



Ministério
da Cultura

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL



MONUMENTA

IPHAN 70 ANOS 1937 2007

IPHAN

Ministério da Cultura

BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL